

pertença à doutrina da Igreja. Quis eu apenas recorrer a esta doutrina para que me iluminasse o complexo domínio do Humanismo e nele fizesse realçar o íntimo processo pelo qual as três ordens humanas se hierarquizam.

Defender que a Economia se ordena à Política e esta à Religião não parece ser a única posição possível para um católico. Ao menos o que tenho encontrado, quase sempre, como atitude espontânea de quem procura pensar catolicamente, é exactamente o oposto.

Tem sido sempre, e cada vez mais, minha preocupação mudar o sentido da relação Religião-Política, para defender que não é da Religião que se pode deduzir uma Política; antes a verdadeira Política há-de conduzir os homens ao plano religioso, embora, está bem de ver, da religião natural.

É portanto com plena e aberta liberdade que entendo poder eu, católico e monárquico, dirigir-me a ti, católico e republicano, porque não ousarei fazer das verdades religiosas, naturais ou sobrenaturais, uma questão política. É em termos políticos que julgo deve ser tratada a problemática política; não em termos religiosos.

Não basta isto para esgotar, nem mesmo quanto em mim cabe, o problema das relações humanísticas entre a Religião e a Política. Nas páginas que vão seguir-se várias vezes se tocará neste problema, e até com insistência que terá seu quê de impertinente.

Muito longe dos problemas da Economia, mal esboçarei, ao longo deste livro, a questão das suas relações com a Política. Julgo, no entanto, que também não é indiferente, quer do ponto de vista económico, quer do ponto de vista político, tomar a posição que tomei, ou a que se lhe opõe.

## I

# Religião e Cultura

# Para uma nova síntese

## I

### ACERCA DA CULTURA

#### *I — Cultura Católica*

No ambiente espiritual da Semana de Estudos, não será descabida uma tentativa de interpretar o sentido das nossas aspirações intelectuais — as aspirações intelectuais duma geração que renega o intelectualismo estéril, mas não desiste do esforço de torná-lo fecundo.

Sendo assim, poderíamos começar por definir a nossa orientação, afirmando: *não queremos uma Cultura qualquer; queremos servir e alcançar a Cultura Católica*. Mas esta expressão precisa de ser esclarecida.

Quando nos propomos atingir uma Cultura que seja católica, não pensamos, como alguns poderiam supor, num simples desenvolvimento do Catecismo.

Não que lhe neguemos a necessidade insubstituível. Nós sabemos que ele é o compêndio da nossa Fé e contém em germen a vida cristã. Nós sabemos

que ele sòzinho é a única Ciência que abre as portas da Eternidade e que, sem ele, toda a Cultura é vã porque não tem sentido permanente.

Mas os universitários católicos, ao procurarem a Cultura Católica, não buscam apenas um Catecismo desenvolvido.

Num âmbito mais largo, não nos propomos, ainda, ficar pura e simplesmente no domínio da Teologia. Isto sem esquecer que ela é a primeira das Ciências, da qual a alta Filosofia medieval se considerava justamente serva; nem perder de vista, tão pouco, a bela majestade das suas construções e a sublime altura a que se levanta. Nós queremos servi-la, sim, com o alvoroço de quem renova uma tradição perdida; nós queremos rasgar os seus imensos horizontes diante de inteligências ansiosas pelo Absoluto; nós queremos dar-lhe de novo o seu lugar primeiro, que nenhuma disciplina filosófica ou Ciência particular pode usurpar. Mas, quando buscamos uma Cultura Católica, nós, que temos o sentido do Presente e o instinto do Futuro, não queremos apenas um regresso à Teologia.

Que queremos então?

Se compreendemos o Presente, vêmo-lo preso na teia das ciências, sem um vôo para além...

Refluiu a Teologia às escolas eclesiásticas e só nos Seminários se professa. Cá fora, toda a curiosidade se concentra nas Ciências do homem ou da natureza. (Se olhamos o Presente, é isto que observamos).

...Se pressentimos o Futuro, visionamos uma era em que toda a Cultura se repartirá em com-

partimentos estanques, em Ciências e Técnicas entre-desconhecidas, num caminhar para a posse da Enciclopédia pela Humanidade, mas para a redução ao mínimo das fronteiras do saber de cada homem. Penso que é este o sentido da Civilização Técnica, quase universalmente triunfante na actual crise mundial.

É deante do panorama das realidades e não perdendo de vista a marcha espiritual do nosso tempo, que nós, universitários católicos, nos propomos servir a Cultura Católica. *Saiba-se, porém, que não nos submetemos.* Se o *sentido* da Cultura hodierna é *contra nós*, nós nos lembramos de que os rumos da História são obra do Homem; nós nos recusamos a tomar por fatal o caminho duma Civilização espiritualmente falsa! Quando pois proclamamos que não é um Catecismo desenvolvido que constituirá a essência da nossa Cultura; que não é a Teologia a razão de ser, a causa exemplar do que queremos atingir, não o dizemos para nos conformarmos. O católico não é um conformista.

Por mais moderna que se apresente uma tendência, por mais forte que se mostre uma corrente, o católico não a saúda nem a segue simplesmente porque é moderna ou porque é forte. Pode atender, sim, à maior conveniência moral, mas nunca com espírito de submissão. Ora neste caso da Cultura Católica, penso que não são tanto considerações desta ordem, como reflexões doutro plano, que nos levam a afirmar que os nossos objectivos transcendem toda a ideia de regresso, para se fixarem no ardor duma ascensão.

No seio duma Cultura muitas vezes desvairada, palpita a aspiração para a Verdade. Falta às Ciências modernas o sentido da totalidade; domina a análise soberanamente, no campo onde a síntese devia ter lugar. Não lhes falta, porém, o amor da precisão nem, muitas vezes, a serena consciência que se exige ao investigador. Aqui e ali (e esta tendência marca-se demasiadamente) põem-se por demais ao serviço da Técnica, submetendo-lhe a pura intenção que as devia guiar.

Mas não faltam às Ciências, graças precisamente à sua especialização tão repartida, benefícios sem número que é justo lembrar. E sobretudo merece a Cultura moderna a cuidada atenção e a funda simpatia das inteligências católicas pelos largos caminhos que abriu ao conhecimento humano.

Passada a fase de conflito *puramente humano* e na sua maior parte *unilateral* (passe o paradoxo...) que feriu no século XIX a consciência de muitos homens, é tempo, agora, de olhar mais de frente os problemas científicos. É tempo, sobretudo, de o católico *deixar de olhar* com olhos desconfiados a investigação científica, seja em que campo for, e de lançar-se, ele próprio, como paladino, no campo raso dessa investigação.

De ano para ano a Ciência experimental percorre novos trilhos, descobrindo novas verdades. Muitas vezes — quase sempre — não será ainda a certeza, com as suas conclusões definitivas; mas as próprias hipóteses, baseadas num conhecimento parcelar, trazem a marca duma probabilidade seriamente fundamentada. Ao longo da História an-

siosa das últimas gerações, o espírito humano, na marcha da Ciência, encontrou campos imensos nunca desbravados. No simples aspecto da Física, Louis de Broglie pôde resumir: «Lembremo-nos de que há apenas sessenta anos, não se conheciam as ondas hertzianas, nem os raios X, nem a rádio-actividade, nem o conjunto dos fenómenos moleculares, atómicos e nucleares».

Todo este esforço das Ciências, realizado com extremos de carinho por homens que lhes votam a vida inteira, tende a descortinar ao olhar estupefacto da inteligência humana, a grandeza e a pequenez, ambas imensuráveis, do nosso mundo. Como católicos, só podemos saudar esse esforço gigantesco, que dá a medida do valor do Homem no plano da inteligência. Com efeito, se a razão humana se dirige à Verdade; se o Catolicismo é essencialmente a dignificação do Homem partindo da natureza para a sobrenatureza — como não sentir que é *naturalmente cristã* a larga tarefa de realizar o sentido da inteligência? (Demais, são os católicos que mantêm a verdade do velho princípio: «Nihil est in intellectu quod non prius fuerit in sensu»).

Como católicos, repito, só podemos amar a investigação séria, porque ela nos aproxima do Ideal da Verdade que buscamos.

*Não discutimos a legitimidade da Ciência.*

Alguns dentre nós julgam-na o grande perigo que ameaça a fixidez dos nossos dogmas e o santuário em que Deus habita cercado de mistério.

É esta uma atitude injusta e uma posição cobarde. Não se nega, pois é histórico, que tenha havido raros verdadeiros sábios e muitos sábios na inten-

ção que fizeram da sua Ciência um monstro cultural, servido por instrumentos duma ordem infinitamente afastada da ordem dos resultados a que pretendiam subir. Mas a Ciência não é isto, e aí está o juízo dos homens para distinguir.

Fixemos então esta ideia fundamental: como católicos, devemos desejar o progresso da Ciência, pois conhecer é uma perfeição natural do Homem, e o Catolicismo não destrói: eleva a nossa natureza.

Não temamos portanto receber as conclusões cientificamente legítimas da investigação científica. Parece por vezes que vai abrir-se conflito entre essas conclusões e determinados princípios nossos?

Não fujamos então, na medida das possibilidades de cada um, ao cuidado de aprofundar a questão, examinando-lhe todas as dimensões. Temos, em Pasteur, um exemplo ilustre, que encontro referido em «Para Além da Ciência». A descoberta dum químico levava a concluir que, em circunstâncias iguais, duas causas iguais produziam efeitos diferentes.

Pasteur, que era ainda um rapaz da nossa idade, não acreditou, estudou de novo a questão e concluiu irresponsavelmente, por um exame mais fundo, que a Lógica não tinha sido vencida.

...Na vida de todos nós, especialmente dos que se ocupam da Ciência de laboratório, não haverá muitas vezes ocasião de seguir o exemplo de Pasteur?

Mas a atitude do católico em face das Ciências não pode ficar por aqui. Lembremo-nos de que todo o católico traz consigo um carácter que o distingue — e que o distingue em tudo. Respeitar,

aceitar as conclusões legítimas das Ciências, é uma atitude comum a todo o homem normalmente reflexivo.

### 3 — A nossa missão

Nós temos de passar além. À nossa vista desenrola-se o panorama da Cultura actual: hipóteses desconstruídas, trabalhos muitas vezes sem sentido, conclusões à espera dum encontro de acaso, produtos multiformes de mil análises que tendem para a Síntese sem nunca a alcançar... Todo esse esforço que mobiliza perpétuamente milhares de homens em milhares de laboratórios, de observatórios, de hospitais, carece dum princípio de unidade numa acção concatenadora.

Mas a mais longe se estende o mal cultural deste século. As Ciências de investigação experimental parecem totalmente desligadas das Ciências especulativas. Os cultores destas refluem à bela torre de marfim das suas meditações, presos ao encanto do Raciocínio puro, entregues ao prazer da construção abstracta. Dominam o Real? Do fundo da sua concha, preferem discutir o que seja o Real... Entretanto, caminham as Ciências experimentais em sua marcha quase fulminante e, de relance, passam às vezes pela bela torre dos especulativos e tentam-se da volúpia de a fazer cair... Ouve-se então dizer que foi descoberto um certo Relativismo que parece abalar os alicerces da velha Metafísica. Os especulativos, em geral, sorriem e acabam de se encher de razão...

Quem desconhecerá a gravidade deste divórcio que ameaça separar para sempre a Filosofia, da Ciência experimental?

Porque a verdade é que o estudante de Medicina (falo da grande maioria) é hoje quase incapaz de compreender a existência do Imaterial; o aluno de Física dificilmente admitirá o absoluto domínio (daquém e dalém do pensamento) dos Primeiros Princípios; o aluno de Direito mal se lembra do Direito Natural a não ser para lhe negar valor jurídico; o estudante de Filosofia julga fora do seu âmbito a consideração das novas descobertas que revolucionam uma Civilização; e as mais das vezes o teólogo, munindo-se da «Filosofia Perene» e aprofundando o conhecimento de Deus, olha como coisa totalmente estranha o conjunto assombroso da Cultura hodierna. Tudo isto manifesta a grande desolação duma Cultura reparada, que nascera una, na Aurora Grega, e uma atravessou a Antiguidade e a Idade Média.

Será que devamos repudiar toda a desintegração moderna da Cultura? A própria pergunta define a resposta, evidentemente negativa. Urge porém um grande esforço de aproximação. Bem está que a Ciência se reparta continuamente como exige a Realidade explorada, mas procure-se, ao fim da investigação mais pormenorizada, comparar os resultados com as conclusões doutra Ciência, achar a resultante e entregá-la à fecundidade da reflexão filosófica.

Penso que é este, hoje, um dos grandes papéis da Filosofia: receber as conclusões científicas, ajuizar da sua verdade em conformidade com o respectivo método e não repousar enquanto as mais

ousadas conclusões seguras da Ciência não estiverem de acordo com os princípios primeiros que toda a razão aclama. É este certamente um ponto nevrálgico.

Alguns cientistas gostam de passar totalmente à margem dos Primeiros Princípios por ninguém conseguir demonstrá-los. Não entro na refutação, que está feita há muito: lembro apenas que a própria Ciência experimental está constantemente reclinada neste princípio, indemonstrável também: a experiência legítima a conclusão.

Sem nos determos mais pelo caminho, uma coisa podemos afirmar: o católico que, como nós, busca a Cultura Católica, tem de passar pelo estádio da harmonia das Ciências. Para nós, não pode servir este divórcio em que vivem as Ciências entre si e, mais acima, a Filosofia para com as mesmas. O sentido católico da Cultura exigirá, creio bem, a formação duma grande Síntese Cultural que tenha como regra e como destino o imaculado esplendor da Verdade integral.

## II

### VISÃO DINÂMICA

#### 1 — *Humanismo*

Por mais bela que seja a visão estática da Cultura assim compreendida, é preciso atribuir-lhe um sentido. À visão estática sucederá a visão dinâmica. Se amamos a Cultura, para que a queremos nós? Pois bem: nós a queremos e lhe queremos muito porque a vamos pôr ao serviço do Homem. A Cultura resulta num Humanismo. Ninguém como nós pode dar-lhe esse destino, pois ninguém como nós conhece a grandeza do Homem. O Cristianismo tudo subordina à Pessoa Humana, ser subsistente em si, dotado de inteligência e de vontade. Tem oportunidade a palavra de S. Paulo: «Omnia sunt vestra; vos autem Christi; Christus autem Dei». Esta subordinação de tudo à Pessoa Humana tem aspectos que por vezes ferem algumas sensibilidades, quando se afirma que a Pátria e a própria Igreja (no que tem de instituição humana) exis-

tem para ela. Sendo assim, nós compreendemos facilmente que também a Cultura deve pôr-se ao serviço do Homem. Porque o homem, na concepção cristã, é um valor com projecção eterna. A Cultura, servida pelos homens, criada pelos homens, subordina-se ao Homem, na hierarquia cristã dos valores.

«Omnia sunt vestra...»

Mas como se lhe subordina? Qual a sua função? Ela é um meio de o homem se completar; digamos: de o homem se realizar.

Uma cultura humanista deve compreender uma educação física, uma educação intelectual e uma educação religiosa. Mas o sentido desta Semana dá à Cultura de que falamos um carácter intelectual. Essa serve a Pessoa Humana, porque satisfaz a sede de Verdade em que a inteligência se abraza e lhe manifesta, com o fulgor da Verdade, a face eterna do Bem. Formar a inteligência nas disciplinas da Verdade é com efeito anunciar ao Homem aquele Bem em que a sua vontade tende a fixar-se.

## 2 — *Sentido Social*

Sobre este sentido da Cultura intelectual (lembramos que por hipótese essa Cultura é uma síntese) não-de refletir, numa atitude crítica, aqueles que sentem a gravidade dos grandes problemas sociais.

O *Homem*, ser independente, na dignidade pura da personalidade, é com efeito servido pela Cultura intelectual. Mas o *homem* — ser social, elemento duma colectividade?

Desta dúvida participamos nós, que sentimos a

angústia do homem numa época que o esmaga, nós que vemos a urgência de impor à Questão Social a solução Cristã, nós que vamos já concluindo pela necessidade duma doutrina política. Ao lado destes problemas de ordem social — perguntamos a nós próprios: — como é possível que cresça, serena e fria, a preocupação intelectual? Que vale a dignificação abstracta do Homem, se os homens são castigados pela tremenda agonia dum tempo apocalíptico?

E contudo nós, como católicos, temos de ultrapassar este momento de crise, esta crise de dúvida, esta febre que sobe sempre ao longo da ideia de Acção. Sim: nós compreendemos o nosso tempo e a funda inquietação dos seus mártires. Nós queremos a dignidade social do homem e enchamos o peito com uma sede insaciável de Justiça. Nós não esquecemos todo o malefício duma Cultura que vem definindo a linha desta Civilização anti-humana.

É então que nós, depois de amarmos a Cultura e o belo edifício das suas conclusões, vamos distinguir, da Ciência, que descobre, a Técnica, que aplica. E creio que só uma posição nos pode ser legítima: exigir que a Técnica se coloque ao serviço da Sociedade.

A Ciência Moderna permitiu à Técnica a substituição de milhões de operários por centenas de máquinas. Noutro aspecto, permitiu à indústria a produção sintética de substâncias naturais — e os que viviam do comércio destas sentiram a ameaça da fome.

Por outro lado aí está a exuberância dos armamentos modernos a marcar trágicamente, a ferro e



fogo, a passagem duma Técnica inimiga do Homem e destruidora da Civilização. Que pensar diante deste espectáculo? <sup>(1)</sup>

O católico não deve apenas deplorar a grandeza das catástrofes: há-de procurar, na medida do seu alcance, a correcção da Técnica pelas leis da Moral. Parecerá estranho juntar duas palavras para desejar uma Técnica Cristã?...

Assim como a Ciência serve o homem como personalidade, essa Técnica servirá o homem como membro duma Sociedade. Mas para isto a Ciência não basta, nem a Filosofia é decisiva, nem a Sociologia é suficiente. Repito que é necessária a Moral, ciência e arte eminentemente humana.

E que se dirá se passarmos, da simples consideração da Técnica ao serviço da Sociedade, à visão integral dos problemas sociais? As mesmas afirmações podem confirmar-se, alargadas em extensão e elevadas em alcance. Evidentemente toda a complexidade da Questão Social, última expressão prática dos problemas da nossa Civilização, não pode esperar da Cultura, mesmo na sua expressão técnica, uma solução cabal ou sequer uma tentativa de solução completa.

E no entanto, nós, universitários católicos, curvados nesta Semana sobre a amplitude dos problemas culturais, não podemos esquecer, não esquecemos, a nossa responsabilidade de elementos duma colectividade e marcadamente duma Nação.

Não nos desinteressamos, portanto, dos agudos problemas que ferem o corpo da Pátria. Não vol-

<sup>(1)</sup> Cf. o estudo de Daniel Rops no volume colectivo *Para Além da Ciência*; ed. Tavares Martins.

tamos costas também às interrogações que sobem das almas na ânsia universal duma Renovação. Tanto vale dizer que não confinamos os nossos objectivos à construção duma Cultura, por mais perfeita que se nos apresente a sua visão rasgada.

### 3 — Última Síntese

Que concluir daqui? Que, acima da Cultura, acima da Técnica, acima das Ciências Sociais, nos é necessária uma nova Síntese da qual o nosso espírito logre distinguir os limites dos problemas e as linhas gerais das soluções: uma Síntese que englobe tudo o que respeita ao Homem, na visão integral da sua natureza e das suas aspirações.

Essa Síntese que nós queremos alcançar para compreendermos o Mundo e nos compreendermos a nós próprios, só a podemos possuir, graças, mais uma vez, à nossa qualidade de cristãos. Toda a interpretação do Mundo a da Vida que se confina nos limites do Natural é uma visão incompleta.

No seio do Universo, povoado de astros ardentes, uma outra chama crepita perpétuamente. «Esse alto lume» (como lhe chamou o Poeta) é o Homem, perpétuamente a interrogar, perpétuamente a responder. Toca a matéria, e duvida dela; dissec-a, e sente-a quase a esvaír-se. Pensa — e duvida do Espírito; ama — e chama a tudo ilusão. Morre — e crê na imortalidade; sofre — e pergunta à Dor *porquê?* Odeia — e sente a nostalgia do Bem; erra — e ama ansiosamente a Verdade; estuda — e enfastia-se do que sabe; sabe que é rei — e sente-se escravizado a tudo; tem sede de

Justiça, mas cria a Injustiça e vive nela. E contudo, ele pressente que não é um monstro. Qual o sentido de tudo o que sente, de tudo o que sabe, de tudo o que desconhece? Qual o sentido do sofrimento que o rasga e da alegria que o empolga? Qual o destino de si mesmo e a razão de tudo o que o rodeia? Por que lhe sabe a pó tudo o que é deste Mundo e saboreia o prazer do que nunca encontrou? Tudo lhe fala de mais-além; tudo lhe anuncia realidades futuras. No seio do Universo, o homem interroga e fica preso à Dúvida...

...Mas pressente. Quando não vê, visiona. Pois bem: do Alto lhe veio a grande resposta. Tudo o que lhe faltava se completou pela Mensagem reveladora.

Abriu-se o Mistério, e, no seio do Universo, o Homem pôde compreender o sentido total do Mundo e da Vida.

É a essa Mensagem — que é Verdade Revelada e Verbo Incarnado — que nós, universitários católicos, vamos buscar a Unidade da Síntese. À margem dela, sentimos como tudo se fragmenta... Com ela, todas as coisas se unificam. E a Unidade é para nós a Vida.

## Da Moral em Arte

A propósito de um romance moderno («A Garça e a Serpente», de Francisco Costa) tem-se reposto o problema, aliás sempre vivo, das relações da Arte com a Moral. Deve o artista servir uma Doutrina, ou deve apenas servir a Beleza? Deve a obra de arte conformar-se com algum ideal não puramente estético, ou deve apenas guiar-se pelo ideal que lhe é próprio?

Estas interrogativas não poderão receber perfeita solução, se não situarmos o artista no seu lugar e a Beleza na sua esfera. A mais simples reflexão nos esclarece: nem o artista é independente da vida, nem o Belo separável do Ser.

O artista é um aspecto do Homem. A Beleza é um aspecto do Ser. Aspecto do Homem — o artista — porque todo o homem, por mais rude que seja a sua alma e árido o coração, tem, passivamente e activamente, o sentido da Beleza. E, ainda, porque a realidade substancial é o Homem, na pobreza real do que é, na riqueza ideal do que *deve ser*.

Aspecto do Ser — a Beleza — porque tudo quanto existe é obra da grande Beleza Perfeita, ideal metafísico de todo o belo, que nós, cristãos, cremos personalizado em Deus. E, ainda, porque só pelo Ser a Beleza adquire realidade; o Ser é o suporte de tudo.

Sendo assim, claramente se descobre a íntima relação que, mau grado todas as pretensões em contrário, liga a actividade artística com a actividade humana em sua totalidade.

A Arte, ascensão do Homem à Beleza, é na vida que bebe a inspiração que a cria, o esforço que a forma, a técnica que a aperfeiçoa. A obra de arte nasce, sim, no momento culminante da emoção interior, como golpe luminoso duma claridade dominadora. A beleza, porém, o equilíbrio, a harmonia da perfeição que ela atinja — são já obtidos pelo esforço, são produto trabalhado, cinzelado pelos cuidados do artista, que selecciona as formas possíveis, elegendo a que condiz melhor com o ideal que o ilumina.

\* \* \*

Este trabalho de escolha, que experimenta, e rejeita, e transforma, que corta e acrescenta, acentua e apaga — entra já no domínio da Moral. Exige, com efeito, uma disposição de paciência, de renúncia, de humildade, de renovação — numa palavra: exige a boa vontade do aperfeiçoamento. Evidentemente, há casos de obras-primas que parecem sair, dum jacto, do espírito que as cria, sem necessidade do trabalho de formação da obra, que geralmente o artista tem de ter. São casos espe-

ciais, que em nada destroem a existência dos outros casos, em que a obra de arte custa, por vezes, a tortura de uma imolação constante.

Este é porventura o primeiro aspecto das relações da Arte com a Moral. Quanto mais a alma estiver aberta à sugestão superior do Belo a realizar, sem lhe fechar nenhuma porta com a barreira inoportuna dum orgulho satisfeito, tanto mais completa será a realização, nimbada duma beleza que mancha nenhuma atraíçoa.

É sabido, porém, que onde mais fortemente se define o problema das relações entre a Moral e a Arte é no campo social. Não se dá a esta palavra — social — o sentido com que, agora, todas as bocas se encham, prendendo-a às questões económicas contemporâneas. *Social* é, para aqui, tudo quanto diz respeito à Sociedade. Ora é precisamente neste aspecto que o problema se põe mais acentuadamente: membro duma sociedade, deve o artista conformar com o bem dela as manifestações da sua Arte? Ou deve, pelo contrário, como «peregrino da Beleza», repelir toda a mão que o prenda, para de todo se entregar ao encanto do seu sonho?

Pode este problema considerar-se por duas faces: ou por um prisma puramente humano, ou por um critério sobrenatural. No primeiro caso, fala a Sociologia. No segundo, tem a palavra a Religião.

\* \* \*

A Sociologia, com a sua autoridade de ciência de observação, revela-nos todo o cortejo de malefícios de uma Arte construída e apresentada sem

mais preocupações que as que lhe são peculiares. São os tristes efeitos duma pintura sensual em almas desprevenidas e demasiadamente impressionáveis; são os trágicos resultados duma Literatura sem lei, atirada a uma sociedade que a bebe sequiosamente, são as baixezas provocadas por um Teatro e um Cinema sem pudor, expostos, tanta vez!, ao límpido olhar de crianças que assim vão perder a incomparável frescura da inocência. Dizendo, clamando esta verdade, oportuna e importunamente, nós, os católicos, podemos ser acusados de retrógados e inimigos da Civilização. Mas ai de nós, se alguma vez a nossa voz hesitar e não fizer ouvir o seu protesto! Trairíamos o nosso dever de defensores duma Civilização que a Arte sem Moral — melhor, imoral — anda a querer destruir. É por um critério estritamente humano, à luz das observações mais inegáveis e das mais seguras deduções, que a Arte sem Moral deve ser condenada. Na sua vasta e funda repercussão social, os factos são visíveis. Contra eles nada valem as vagas reclamações de absoluta liberdade para o artista. As realidades da vida prendem todos os fenómenos de que os homens são autores.

Dum lado, a beleza manchada das obras erradas, e o prestígio da sua sedução; do outro, os valores imutáveis duma sociedade feita de homens, e a harmoniosa beleza da sua vida sã. Preferir a segunda alternativa é, para muitos, cair em negro crime de lesa-Arte. Mas pode-se perguntar com que direito, para satisfazer, da pior das maneiras possíveis, o sentido do Belo, se sacrifica o bem, a paz, a equilibrada harmonia duma sociedade, lançando muitos espíritos no caminho do Mal.

Respondem, por vezes, que têm esse direito por servirem, servindo a Beleza, valores eternos.

\* \* \*

É o momento em que a Religião pode intervir. O ideal supra-terreno do Homem não é apenas atingir o Belo, pela realização humana da Beleza. É atingir a plenitude do Ser, realizando integralmente o *programa* da sua perfeição. O artista, no anseio que o anima, na chispa de divino que o consome, é sem dúvida um peregrino do Absoluto, alguém que se aproxima da perfeição do Pai. Mas não basta ao artista a sua arte, por muito que ela, saída das suas entranhas, leve a marca do seu esforço. Por mais que o queira ou possa esquecer, o artista é um homem. E é como homem que se salvará ou se condenará. Irmãos do seu destino, os homens que o rodeiam têm o direito de esperar da sua actividade em Arte algo que não vá ferir as asas dos seus voos, antes, lhes aumente o poder de subir.

Se a actividade do artista é fundamentalmente a Arte, à luz da Eternidade é como homem que ele deve ser artista. Quer dizer que é como pessoa humana, «candidato» a uma herança divina, que ele deve cultivar a Arte. Só assim será digno da Sociedade que lhe condiciona a sua actividade criadora, e do próprio destino, que clama, dentro dele, por alturas de incomparável beleza.

E todavia o problema pode subsistir. Terá assim o artista *cumprido* como homem. Mas a sua actividade específica, aquilo que afinal constitui a sua missão na Terra, essa acção de servo duma

Arte a que consagra, legítimamente, a maior e mais sentida parte da sua existência — essa missão será cumprida?

A quem tiver presente em que consiste o Ideal humano segundo o Cristianismo, não pode restar dúvida. Atingir a perfeição do Pai é, sem possível contestação, alcançar, dum golpe só, todo o Absoluto que a linguagem reparte pelas três palavras de sabor divino — o Bem, a Verdade, a Beleza. Na Terra, presos ao relativo do caminho trilhado, os Santos nem sempre são artistas — o que não quer dizer que a vida do Santo, como tal, não seja, em alto sentido, verdadeira obra de arte. No Céu, atingida a plenitude do Ideal, o Santo é, dentre os homens, o maior artista. Porque, vendo e amando a Beleza, ao seu louvor consagra todo o dia feliz da Imortalidade. E, neste mundo, se os Santos não precisam de ser artistas para serem santos, os artistas que o queiram ser perfeitamente devem abraçar o ideal da santidade.

## Filosofia e Filosofias

Se realmente a Filosofia se define como a concepção do mundo e da vida; se, por outro lado, da concepção que do mundo e da vida se tenha, depende logicamente a atitude do homem no seu viver, como não compreender que o grande mal que corrompe e desfibra a harmonia das almas é a diferença e a oposição das Filosofias?

Certamente, todas elas se revestem de um abundante ou exíguo vestuário de adornos mais ou menos belos. São as grinaldas com que se enfeita a face nua do pensamento. Muitas vezes, tomando pela uva a parra exterior, prendem-se os homens com os acidentes e não logram tomar na mão, pensar e avaliar, a substância, o miolo oculto dos sistemas. Queiram ou não, porém, por detrás das suas posições, nos bastidores das suas atitudes, está uma ideia geral das coisas — uma Filosofia.

Fonte das contradições mais fortes, das oposições mais irredutíveis, são as Filosofias — consciente ou inconscientemente adoptadas. E não se trata apenas das Sociedades entre si, ou dos indi-

vídúos entre si. Trata-se igualmente de cada indivíduo, que, dentro de si mesmo, trava constantemente aquella luta dilacerante de que há-de sair a sua vitória ou o seu fracasso.

Ora a vitória libertadora de todas as peias que tolfhem o desabrochar da vida íntima só se consegue pela redução à unidade das regras práticas da conduta. Não que deva haver uma regra para cada um dos casos, formulada e prevista para todas as circunstâncias; mas sim um princípio sempre presente e sempre vivo, isto é: um critério de escolha dos valores que diante da vontade se desdobram.

Se cada indivíduo possuir essa unidade interior, será fecundo em obras de harmonia. Se todos os indivíduos possuírem a mesma concepção una, uma unidade da mesma espécie, todos se integrarão numa única ordem e poderão dar solução pacífica e verdadeira aos problemas que entre eles se possam formular. Se as Nações convergirem na mesma concepção do Homem, as Nações poderão construir a harmonia da História.

Têm os últimos quatro séculos sofrido da erupção mais ou menos súbita (ao ritmo do pensamento de cada cabeça) dos mais variados sistemas. À diferenciação já nefasta da substância acresce a quase luxuosa variedade dos aparatos mais ou menos acidentais. Por isso é tão difícil aos homens deste século fazerem-se entender pelo seus semelhantes. A maior parte das vezes, não porque tenham escolhido um dos sistemas apresentados, mas antes por terem, sem querer, construído, para uso próprio, novo sistema argamassado com materiais dispersos, que andam por aí ao Deus dará.

Como se entenderão os homens, se, não sabendo o que pensam, a si mesmos se não compreendem?

Deste modo, se é de desejar uma Filosofia a dominar o terreno conquistado pelas Filosofias, tem de se agradecer ao Tomismo o próprio facto de ser o sistema certamente mais uno, e, aos tomistas, o esforço de mostrar, metendo pelos olhos dentro, as virtudes teóricas e práticas da sua Filosofia.